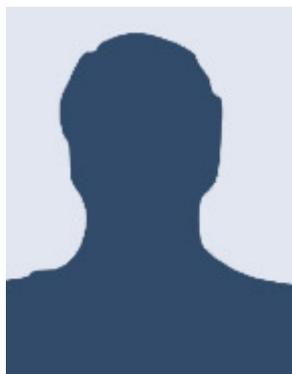


DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



AZEVEDO, Pedro Augusto de São Bartolomeu de (Santarém, 1869 – Lisboa, 1928)

Pedro Augusto de São Bartolomeu de Azevedo ou, mais simplesmente, Pedro de Azevedo, como ficou conhecido nos meios historiográficos e académicos, nasceu em Santarém, a 24 de Agosto de 1869, e faleceu em Lisboa, no dia 3 de Fevereiro de 1928, aos 58 anos de idade.

Filho de um discreto professor de ensino secundário, de nome Ventura Faria de Azevedo, Pedro de Azevedo terá recebido provavelmente do pai o interesse pelas letras que modelou toda a sua vida. Fruto dessa vocação precoce, e uma vez concluída a formação secundária, ingressou, em 1887, no Curso Superior de Bibliotecário Arquivista, recém-criado pela Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos e agregado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de que foi o primeiro diplomado oficial. No decurso dessa instrução teve oportunidade de contactar com as disciplinas de história pátria, filologia comparada, literatura latina e grega, literatura moderna da Europa, diplomática, numismática e bibliologia, lote de matérias que nele se enraizaram fortemente e que, constituíram, juntamente com a paleografia, o corpo principal dos seus numerosos trabalhos e estudos. Uma produção contínua, que remonta pelo menos a 1897, quando editou a obra *Alguns selos antigos do concelho de Santarém*, publicada pela Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Do ponto de vista historiográfico, Pedro de Azevedo pode ser definido como um descendente em linha reta da tradição romântica e erudita do século XIX, corporizada em Portugal por Alexandre Herculano. Um legado onde também se devem enquadrar os irmãos Basto, nomeadamente o paleógrafo e diplomata João Basto. O impacto da corrente historiográfica oitocentista, de feição romântica, na obra produzida por Pedro de Azevedo é visível a vários níveis: a começar pelo protagonismo que concedeu à época medieval nos seus estudos, a maior parte dos quais se situaram entre os séculos XIII e XVI; passando pela ênfase dada à qualidade da reflexão no tratamento das matérias históricas; continuando na abordagem eclética que subscreveu da História. Mas ela transparece, sobretudo, no trabalho crítico e sistemático que desenvolveu sobre as fontes documentais, no que constitui sem dúvida o seu contributo mais válido para o campo da História erudita, um ramo historiográfico especialmente desenvolvido a partir dos finais do século XIX, que articulava o primado da investigação documental com o apuramento dos métodos críticos. A esse



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

propósito, lembrem-se os nomes de Gabriel Pereira, Sousa Viterbo e Braancamp Freire, entre outros, que ilustram o universo intelectual de Pedro de Azevedo.

A persistente atividade de edição de documentos desenvolvida por este valeu-lhe, de resto, uma sentida e sempre confessada admiração por parte de académicos seus contemporâneos, portugueses e estrangeiros, bem como o respeito de sucessivas gerações de historiadores, por se tratar de um corpo de publicações muito fiável, com a vantagem acrescida de poder servir como base para estudos de carácter muito diverso, como bem notaram a esse respeito personalidades tão insuspeitas como Gama Barros, Leite de Vasconcelos, António Baião ou Lindley Cintra.

Foi, pois, como historiador, diplomata e paleógrafo que Pedro de Azevedo mais se notabilizou. No entanto, não devem ser menosprezadas as pesquisas que desenvolveu nos campos da filologia, da etnografia, da heráldica, da onomástica, da iconografia, da numismática, ou mesmo da geografia, embora quase sempre se tenham mostrado tópicos subsidiários para aquele que foi o tronco principal da sua obra: a investigação histórica. Na verdade, a articulação dos estudos históricos com estas disciplinas não constitui uma singularidade de Pedro de Azevedo. Tratava-se de uma prática comum entre os principais autores da época, ligados à historiografia erudita. Mas, no seu caso específico, o trabalho meticuloso, sistemático e de grande escrupulo, a que submeteu a documentação revelou-se extremamente profícuo e de grande utilidade: deu a conhecer numerosos documentos inéditos, executou rigorosas transcrições de fontes, esteve na base de importantes edições críticas de coleções documentais e permitiu a reorganização de importantes fundos bibliográficos e arquivísticos. Um conjunto de ações que remetem para a sua formação académica, mas que são, sobretudo, o efeito de dois fatores, em feliz e estreita correlação: um continuado treino paleográfico, exercitado sobre muitas letras e diferentes mãos de escribas das mais variadas épocas; a que se somou um profundo conhecimento dos arquivos e de fundos documentais, resultante da experiência acumulada em cargos e funções ligadas com a arquivologia e a biblioteconomia, desempenhados nas duas instituições públicas de referência da rede de arquivos e bibliotecas nacionais: os Arquivos da Torre do Tombo e a Biblioteca Nacional de Lisboa.

No ano de 1900, Pedro de Azevedo já se encontrava ao serviço do Real Arquivo da Torre do Tombo, nomeado para a posição de amanuense paleógrafo, cargo a que estava naturalmente habilitado devido à sua formação escolar como bibliotecário e arquivista. Pouco tempo decorrido, em 1902, era confirmado como 1.º conservador da instituição, e colocado à frente da primeira secção do arquivo, onde estavam depositados os manuscritos mais preciosos. Coube-lhe também dirigir o serviço de expediente dessa secção, com a obrigação de elaborar relatórios periódicos ordinários, pelos quais se fica a conhecer grande parte do seu trabalho administrativo, repartido entre as aulas de paleografia, a organização de concursos, a dirimção de pleitos internos e a gestão de fundos documentais. Neste âmbito, por exemplo, foi encarregue de dirigir o fundo da Coleção Especial – formado por bulas, breves e outros documentos eclesiásticos –,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

supervisionar a catalogação do importante e extenso cartório do cabido da sé de Coimbra, e organizar o serviço do Registo das Mercês, encargo que seria apenas provisório caso não tivesse sucedido a morte do conservador Almeida Caldeira.

Tinha iniciado há pouco tempo o trabalho no Arquivo da Torre do Tombo, quando foi convidado a dar aulas e a reger a cadeira de diplomática no Curso Superior das Bibliotecas e Arquivos, assim sucedendo a João Basto, o anterior responsável pela disciplina. Daí foi transferido, em 1902, para a cadeira de paleografia, em atenção aos conhecimentos especiais que possuía, e que o habilitavam, mais do que a qualquer outro, à regência dessa matéria. Durante os anos em que acumulou a docência com o trabalho em arquivos públicos, conferiu sempre grande importância aos conteúdos pedagógicos, como certificam os detalhados planos que preparou para as aulas de paleografia latina e portuguesa, que constituem uma prova do seu espírito profundamente sistemático e cartesiano.

Em 1918, depois de vários anos como professor e como primeiro conservador do Arquivo da Torre do Tombo, foi chamado à Biblioteca Nacional de Lisboa para dirigir a importante secção de Reservados. Acabou nomeado Diretor interino da instituição, em 1927, posição que ocupou até à data da sua morte.

Sinal de vitalidade científica e do reconhecimento que lhe foi votado pelos pares, o eminente paleógrafo e diplomata foi proposto para vários grêmios de carácter histórico e cultural, em Portugal e no exterior. No país, foi sócio dos cenáculos culturais mais ativos e preponderantes da época: a Academia das Ciências de Lisboa, a Sociedade de Geografia de Lisboa, a Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, a Associação dos Arqueólogos Portugueses e a Mutualidade das Bibliotecas e Arquivos de Lisboa. Além-fronteiras, foi sócio correspondente do Instituto do Ceará desde 1924, por proposta de Thomaz Pompeo de Sousa Brasil, Álvaro de Alencar e o Barão de Studart.

De todas as associações a que esteve ligado, privilegiou sobretudo a Academia das Ciências de Lisboa. Desempenhou no seu interior vários cargos, comparecendo com uma assiduidade quase sem mácula às sessões periódicas da Classe de Letras. Aí apresentou frequentes comunicações sobre diversos temas, quase sempre conexos com a História. O parecer que abonou a entrada de Pedro de Azevedo como sócio correspondente da Secção de História e Arqueologia foi redigido no final de 1910, subscrito por Henrique da Gama Barros, José Leite de Vasconcelos, Lopes de Mendonça e José-Ramos Coelho. Formavam o júri encarregue de apreciar um conjunto escolhido das suas publicações, que, então, já ultrapassavam o número da centena, segundo anotou o próprio relator do processo. Depois de avaliados os trabalhos em questão – *Alguns selos antigos do concelho de Santarém* (1897), *O território de Anegia* (1898), *Nomes de pessoas e nomes de lugares* (1900), *Um inventário do século XIV* (1902), *Os escravos* (1903), *Os «De Vasconcellos»* (1904), *Os antepassados do Marquês de Pombal* (1905), *Dois fragmentos de uma vida de S. Nicolau* (1905), *As cartas do P^o. António Vieira* (1906) e *Documentos da Secretaria de Guerra* (1906) – e uma vez sancionada a sua qualidade, efetivou-se a sua admissão como sócio correspondente, em Janeiro



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de 1911.

Em 1919, Pedro de Azevedo tornou a apresentar uma nova candidatura à Academia das Ciências, dessa feita a uma posição de sócio efetivo. Para o efeito, submeteu mais quatro publicações a avaliação, consideradas pelo próprio como as mais relevantes no conjunto da sua produção: *Documentos das chancelarias reais anteriores a 1531 relativas a Marrocos* (1915); *Capítulos do concelho de Elvas apresentados em Cortes* (1914); *D. Afonso V e a ordem de Torre e Espada* (1919); e *As cartas de criação da cidade concedidas à povoação portuguesa* (1914). Os trabalhos relativos a essa candidatura foram apresentados em Fevereiro de 1920, tendo ficado concluídos no mês seguinte. No parecer abonatório que levou à sua admissão, repetem-se as assinaturas de Gama Barros e de Leite de Vasconcelos, que já haviam figurado no parecer para sócio correspondente, aos quais se juntaram Júlio de Vilhena e Francisco Maria Esteves Pereira. Todos foram unânimes em assinalar os “sólidos conhecimentos paleográficos” de Pedro de Azevedo, e os seus “não menos sólidos conhecimentos históricos”.

No interior da Academia das Ciências de Lisboa, Pedro de Azevedo desempenhou vários cargos: foi nomeado vogal do conselho administrativo, em 1921; eleito vice-presidente da Classe de Letras, em 1922; e, entretanto, escolhido para secretário dessa mesma classe. Um lugar que ainda exercia, em 1928, quando faleceu. Antes disso, por recomendação de Lopes de Mendonça e Leite de Vasconcelos, ocupara a posição deixada aberta por Gonçalves Viana na Comissão do *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa*, e integrara, desde 1915, a direção dos *Portugaliae Monumenta Historica*, com responsabilidade direta pela edição dos dois últimos volumes da coleção.

No capítulo das obras de referência em que Pedro de Azevedo participou, é forçoso juntar às duas importantes contribuições anteriores, a edição dos quatro livros iniciais da *História do Descobrimento e Conquista da Índia*, de Fernão Lopes de Castanheda, bem como a direção da secção de gravuras e mapas da *História de Portugal*, devida a Herculano. Mas a maior parte dos escritos deixados por Pedro de Azevedo consistiram em estudos monográficos, que, na generalidade, ficam aquém, em quantidade e valor, do trabalho heurístico que realizou. No entanto, a maior parte da sua produção é fragmentária, logo dificilmente mensurável, o que prejudica em muito uma apreensão global e rigorosa da qualidade do seu trabalho intelectual, estando ainda por fazer a sua desejável reunião e sistematização. O grosso desses dispersos deve ser procurado em periódicos, com destaque para o *Arquivo Historico Portuguez*, o *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências*, o *Archeologo Portuguez*, os *Anais da Bibliotecas e Arquivos Nacionais*, a *Revista de História* e o *Instituto*, em resultado de encomendas ou de colaborações regulares com pessoas do seu círculo mais íntimo, como os referidos Anselmo Braancamp Freire e José Leite de Vasconcelos.

Não obstante o seu perfil de homem reservado, Pedro de Azevedo teve uma intervenção significativa na vida intelectual do seu tempo, e não passou sequer à margem de certas polémicas, como aconteceu, por exemplo, quando lavrou um protesto contestando a campanha movida pelo jornal *O Século* contra David



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Lopes, seu consócio na Academia das Ciências de Lisboa. Todavia, a importância que teve para a história e para a historiografia portuguesa deve ser procurada sobretudo nas suas dimensões de pedagogo, de arquivista, de historiador e de diplomata-paleógrafo, e não tanto no campo da intervenção política ou social. Os seus pressupostos historiográficos são fáceis de enunciar: a ideia do ensino como veículo essencial para o treino histórico; o rigor como exigência das tarefas de reconstituição do passado; a valorização do trabalho de arquivo como dever primário do historiador; o papel da edição e da crítica textual como peças essenciais para a promoção do conhecimento.

A tudo isso há que juntar o seu profundo apreço pela erudição, de que fala substantivamente o espólio da sua biblioteca privada, formada por mais de 2800 espécies bibliográficas. Atendendo à sua dimensão e pluralidade, a livraria reunida por Pedro de Azevedo é quase metafórica: serve como retrato de um homem, e, por seu intermédio, de uma certa geração de intelectuais. Foi uma biblioteca feita de livros raros e curiosos. Antigos e modernos. De história, claro. Mas também de literatura, de belas-artes, de ciências, de viagens, de poesia. Biblioteca, sim, mas não só: testemunho exuberante de um *zeitgeist* cultural.

Fontes: Academia das Ciências de Lisboa, Arquivo Histórico Académico, Processo Pedro Augusto de São Bartolomeu de Azevedo; Arquivo Nacional Torre do Tombo, Relatórios, Arquivos do Arquivo, nº 14, cx. 6; Biblioteca Nacional de Portugal, Coleções em organização, cx. 40-42.

Bibliografia ativa: *O Arquivo da Torre do Tombo: sua história, corpos que o compõem e organização*, Lisboa, Imprensa Comercial, 1905 (em colaboração com António Baião); *Livro dos bens de D. João de Portel: cartulário do século XIII*, Lisboa, Arquivo Histórico Português, 1906-1910; *Capítulos do Concelho de Elvas apresentado em Cortes*, Elvas, António José Torres de Carvalho, 1914; *Documentos das chancelarias reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1915; *D. Afonso V e a Ordem de Torre e Espada*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919; *Correspondência diplomática de Francisco de Sousa Coutinho durante a sua embaixada em Holanda*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1920 (em colaboração com Edgar Prestage); *Registos paroquiais da Sé de Tânger*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1922 (em colaboração com José Maria Rodrigues); *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924; *Linhas gerais da história da diplomática em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927; *Instruções inéditas de D. Luís da Cunha a Marco António de Azevedo Coutinho*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929.

Bibliografia passiva; AZEVEDO, Maria Antonieta Soares de, "Azevedo, Pedro Augusto de S. de Bartolomeu de (1869-1928)". SERRÃO, Joel, *Dicionário de História de Portugal. Vol. 1: Abadágio – Castanheira*. Porto, Livraria Figueirinhas, pp. 265-266 ; CINTRA, M. L. F. Lindley, "Les anciens textes

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

portugais non littéraires. Classement et bibliographie”. *Revue de Linguistique Romane*. Estrasburgo, nº 27, 1963, pp. 40-77; CRUZ, António, “Observações sobre o estudo da Paleografia em Portugal”. *Cale: Revista da Faculdade de Letras do Porto*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1966, pp. 173-242; GOMES, Saul A., “Anotações de diplomática eclesiástica portuguesa”. *Humanitas*. Coimbra, nº 50, 1998, pp. 625-646; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. 3, Lisboa - Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, pp. 927-928; MARQUES, João Martins da Silva, *Do ensino da paleografia em Portugal*, Lisboa, [s. n.], 1934; MAURÍCIO, Domingos, “Azevedo, Pedro de”. *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira da Cultura. Edição século XXI. Vol. 3*. Lisboa - São Paulo, Editorial Verbo, pp. 1250-1251; PERDIGÃO, Henrique, “Azevedo (Pedro Augusto Bartolomeu de)”. *Dicionário Universal de Literatura. Biobibliográfico e cronológico*. Barcelos, Portucalense, 1934, pp. 696-697; SANTOS, José dos, *Magnífica e Curiosa Livraria que pertenceu ao muito ilustrado director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e da Biblioteca Nacional de Lisboa Pedro de Azevedo*, pref. A. Baião, Porto, Tipografia da Sociedade de Papelaria, 1929; TORGAL, Luís Reis; MENDES, José Amado; CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal. Séculos XIX-XX*. [S. l.]: Temas e Debates, 1998.

Armando Norte



APOIOS:

